



A ECOLOGIA DO CONTATO DE LÍNGUAS E A RELEXIFICAÇÃO NO CRIOULO AFROPORTUGUÊS DE CASAMANÇA, SENEGAL

Djiby Mane (UnB/GEPLÉ)

Abstract: Originating from contact between Portuguese and Africans on the West African coast, Casamance Creole is spoken in Ziguinchor, in the southern region of Senegal. Synchronously, there is contact for border and/or migratory reasons with Guinea-Bissau, not to mention the internal contact with French and Wolof. Due to these diachronic and synchronic contacts, Casamance Creole undergoes relexification – the process by which a language changes its lexicon without drastically altering the language's grammar. Given the above, the present study aims to analyze the relexification in the Afro-Portuguese Creole of Casamance, Senegal, in order to ascertain the influence of the languages with which it lives daily. As a methodological bias, a qualitative exploratory approach was used, based on studies by Nunez (2015) and Rougé (2004). As for the theoretical basis, I resorted to the studies of Biagui (2012), Calvet (1999), Couto (1996, 2007, 2015, 2017), Kihm (1980) and Lefebvre (1997), Mufwene (2008) and Thomason (2001). The analysis of 60 words collected in Nunez (2015) and Rougé (2004) showed relexification with 46.66% of Mandingo words, 31.66% of Wolof, 10% of Balanta, 6.66% of French and 5% of manjaco. Note that Mandinka (46.66%) is the main source of relexification of Casamance Creole, followed by Wolof, the most widely spoken national language in Senegal, with 31.66%.

Keywords: Contact; Casamance Creole; Relexification.

Resumo: Originado do contato entre portugueses e africanos na costa ocidental africana, o crioulo casamancês é falado em Ziguinchor, região sul do Senegal. Sincronicamente, se dá contato por razões fronteiriças e/ou migratórias com a Guiné-Bissau, sem contar o contato interno com o francês e o wolof. Devido a esses contatos diacrônico e sincrônico, o crioulo casamancês sofre a relexificação – processo pelo qual uma língua muda seu léxico sem alterar drasticamente a gramática da língua. Diante do exposto, o presente estudo tem por objetivo analisar a relexificação no crioulo afro-português de Casamança, Senegal, a fim de averiguar a influência das línguas com as quais convive diariamente. Como viés metodológico, fez-se uso da via qualitativa de caráter

exploratório, com base nos estudos de Nunez (2015) e Rougé (2004). Quanto à base teórica, recorri aos estudos de Biagui (2012), Calvet (1999), Couto (1996, 2007, 2015, 2017), Kihm (1980) e Lefebvre (1997), Mufwene (2008) e Thomason (2001). A análise de 60 palavras colhidas em Nunez (2015) e Rougé (2004) apontou relexificação com 46,66% de palavras do mandinga, 31,66% do wolof, 10% do balanta, 6,66% do francês e 5% do manjaco. Nota-se que o mandinga (46,66%) é a principal fonte de relexificação do casamancês, seguido do wolof, língua nacional mais falada no Senegal, com 31,66.

Palavras-chave: Contato; Crioulo da Casamança; Relexificação.

1. Considerações iniciais

Em virtude da plasticidade e vitalidade que lhes são próprias, as línguas, por vezes, necessitam de alguma adaptação às mudanças e ao desenvolvimento constantes em diferentes áreas, entre as quais temos: história, economia, sociologia, política e tecnologia. Tal adaptação, tanto linguística como extralinguística, frequentemente resulta na criação de novas línguas (pidgins e crioulos) e de novas unidades linguísticas dentro da mesma língua (neologismos) ou pelo uso de empréstimos linguísticos para nomear, expressar e descrever novas realidades – o que se explica pelo contato de línguas, ou melhor, pelo contato de diferentes povos com suas respectivas línguas.

O contato entre as línguas constitui um motor essencial para o funcionamento e a evolução das línguas e das práticas linguísticas. É um conceito que inclui qualquer situação em que a presença simultânea de duas ou mais línguas afeta o comportamento linguístico de um indivíduo ou de uma comunidade linguística. Tal ação encontra-se no centro da mudança e variação linguística, diacrônica como sincronicamente.

As línguas crioulas, objeto do presente estudo, são formadas a partir do contato de uma língua de superstrato ou lexificadora (espanhol, francês, inglês e português) com línguas de substrato ou gramaticalizadora (línguas africanas). Algumas ainda mantêm algum contato estreito com as línguas de substratos, como, por exemplo, o crioulo afro-português de Casamança, Senegal, possibilitando a relexificação – processo pelo qual o crioulo pega emprestado palavras das línguas de substratos.

Surgido do contato do português seiscentista com as línguas locais, o crioulo casamancês é um meio regional de comunicação interétnica. Desde sua origem até os dias atuais, ele mantém contato com grande parte das línguas locais. Como resultado, as línguas locais – línguas de substrato e adstrato – são hoje fontes lexificadoras, como, por exemplo, a presença do léxico das

línguas balanta, mandinga, manajaca no crioulo afro-português de Casamança. Tal fenômeno é conhecido por relexificação – processo muito comum em línguas crioulas e pidgins, que consiste no fato de o léxico de uma língua ser substituído pelo de outra total ou parcialmente.

Diante do exposto, as linhas que se seguem buscaram explorar a relação entre o crioulo casamancês e as línguas locais via processo de relexificação, da perspectiva da endoecologia dessa língua. Os dados para a realização da presente pesquisa tiveram por base os estudos de Nunez (2015) e Rougé (2004), ao passo que a base teórica foi direcionada pelos estudos de Biagui (2012), Calvet (1999), Couto (1996, 2007, 2015, 2017), Kihm (1980) e Lefebvre (1997), Mufwene (2008) e Thomason (2001).

A fim de demonstrar o processo de relexificação no crioulo afro-português de Casamança, além das considerações iniciais e finais, temos as seguintes seções: 1) Algumas considerações sobre a ecologia de contato de línguas; 2) O ecossistema linguístico em Casamança; 3) A descrição da metodologia para coleta e análise de dados; 4) A análise de dados.

2. Algumas considerações sobre a ecologia de contato de línguas

2.1. A Ecologia de contato de línguas

A ecologia de contato de línguas é parte da ecologia das línguas, vertente da Ecolinguística. Tradicionalmente conhecida por Ecologia da Linguagem, a Ecolinguística, segundo Xiamen (2018, p. 646):

[...] tem sido usada para descrever estudos da mistura de línguas em escolas multiculturais; estudos de diversidade e interação linguística; estudos de algumas línguas ou dialetos que estão em extinção em determinadas áreas; estudos de discursos como placas de sinalização ao ar livre; e análise de textos que por acaso sejam sobre o meio ambiente ou estejam relacionados ao meio ambiente, como animais, recursos naturais, economia, publicidade, energia, ecoturismo ou mudanças climáticas.

De cunho interacional e integradora, a Ecolinguística desenvolve um modelo de complexidade para dar conta em todos os níveis das inter-relações entre as línguas, as pessoas e

ECO-REBEL

seu ambiente. Nesse viés: “O verdadeiro meio ambiente de uma língua é a sociedade que a utiliza como um de seus códigos (HAUGEN, 1972, p. 324)¹.

A Ecolinguística considera a língua do ponto de vista da interação, do mesmo modo que na Ecologia examina-se a interação entre os organismos e entre os organismos e o meio ambiente (COUTO, 2007).

A abordagem ecolinguística considera que “[...] as línguas são organismos vivos que nascem, crescem e, infelizmente, têm probabilidade de morrer” (SCHLEICHER, 1863 *apud* HAGÈGE, 2000, p. 26). Suas dinâmicas estão, portanto, sujeitas a diferentes parâmetros do ambiente.

A ecologia de contato de línguas refere-se às “[...] relações que se dão entre as línguas, juntamente com algumas de suas consequências” (COUTO, 2007, p. 281). Para Couto (2007), a ecologia das Línguas pode ser encarada em cinco perspectivas diferentes. A primeira “[...] é macroscópica, pois enfoca a ecologia das línguas do mundo como um todo” (COUTO, 2007, p. 281). No tocante à segunda, têm-se as “[...] migrações de populações, provocando contato de povos e respectivas línguas mutuamente ininteligíveis” (COUTO, 2007, p. 281). A terceira perspectiva tem a ver com “[...] um domínio político (*polity*), um estado que delimita determinado espaço (no qual convivem diversas línguas) como sendo o seu território” (COUTO, 2007, p. 281). Em relação à quarta perspectiva, refere-se mais ao contato intralinguístico, isto é, o contato de variedades da mesma língua. Por fim, na quinta perspectiva tem-se a mudança linguística, que é um dos resultados do contato de línguas, podendo ser interlinguístico quando da ocorrência entre duas ou mais línguas.

Tais perspectivas de abordagem da Ecologia das Línguas são muito importantes, mas é a primeira que mais tem a ver com os objetivos aqui propostos. Tal abordagem macroscópica tem com precursor Calvet (1999), com sua publicação intitulada *Pour une écologie des langues du monde*, que estuda as relações entre as línguas e a sociedade. Nesse viés, a ecologia das línguas diz respeito “[...] às migrações de populações, provocando contato de povos e respectivas línguas mutuamente inteligíveis” (COUTO, 2007, p. 281).

Para Calvet (1999), as línguas, equivalentes como as espécies são organizadas em populações em constante relação com o meio ambiente e que evoluem em resposta aos estímulos

¹ Do original: “The true environment of a language is the society that uses it as one of its codes” (HAUGEN, 1972, p. 324).

provenientes desse meio ambiente. É nesse sistema ecolinguístico que as línguas se multiplicam, variam, se cruzam, influenciam-se, competem ou convergem.

2.2. O contato de línguas

Cunhada por Weinreich (1953) em sua obra intitulada *Languages in contact: findings and problems*, a expressão “contato de línguas” implica o encontro de, pelo menos, dois povos diferentes com suas respectivas línguas em um determinado território, em uma situação de interação. Apesar de esse autor ser considerado o precursor desse assunto, o interesse acadêmico pela mudança induzida pelo contato de línguas remonta ao final do século XIX, com Schuchardt (1884, p. 5 *apud* THOMASON; KAUFMAN, 1992, p. 1), que, para explicar a evolução das línguas, já afirmava que dois princípios seriam amplamente retomados pela linguística de contato: 1) “[...] nenhuma língua é totalmente livre de influência de outras línguas”²; 2) O contato de línguas é um dos fatores essenciais na evolução das línguas.

Definido como sendo “[...] o uso de mais de uma língua no mesmo local ao mesmo tempo” (THOMASON, 2001, p. 1), a onipresença do contato de línguas sempre foi aparente para qualquer estudioso envolvido na documentação e descrição linguística, por constituir uma faceta da interação humana.

Segundo Mufwene (2008, p. 17), o contato de línguas ocorre:

[...] entre indivíduos e não entre populações (Mufwene, 2001a). [...] a coexistência de duas populações na mesma área geográfica não é condição suficiente para o contato linguístico. Eles devem interagir uns com os outros. No nível da comunicação linguística, isso é possível pela interação de indivíduos, que podem disseminar características da outra língua entre membros monolíngues de suas respectivas línguas. Além disso, como apontado por Weinreich (1953), o verdadeiro *locus* do contato de línguas são as mentes dos falantes individuais.

Duas populações diferentes com suas respectivas línguas e ocupando o mesmo espaço geográfico não necessariamente caracterizam uma situação de contato de línguas se não interagirem. Assim, deduz-se que a interação é de fundamental importância quando da temática “contato de línguas”. Segundo Couto (2007, p. 283), “[...] quando se fala em “contato de línguas” é preciso ter em mente que ele faz parte de toda uma ecologia, que constitui a ecologia do contato

² Do original: “*Es gibt keine völlig ungemischte Sprache*” (SCHUCHARDT, 1884, p. 5 *apud* THOMASON; KAUFMAN, 1988, p. 1).

ECO-REBEL

de línguas”, isto é, a existência de contato linguístico supõe o contato social dos respectivos falantes, em situações de comunicação.

A realidade do contato de línguas é de fundamental importância para compreender o dinamismo das línguas. Mas, sempre houve uma tendência a acreditar que a língua é um sistema fixo e estável, dada sua definição introduzida por Saussure (2002), que a considera como um sistema estruturado e fechado. O fato de a língua ser um sistema ou um conjunto estruturado de elementos dependentes uns dos outros não impede que ela evolua e se renove por meio de diferentes processos que permitem mudanças nesse sistema e que fornece unidades mais ou menos novidades.

A evolução de uma língua é uma das melhores metáforas para a evolução biológica, na medida em que obriga a pensar a mudança no contexto de uma população em uma escala de tempo. Sobre a questão, Mufwene (2008, p. 16) assevera:

[...] o termo evolução abrange mais do que o termo tradicional mudança. Além das preocupações tradicionais com mudanças estruturais e pragmáticas, também abrange a especiação da língua e o nascimento e morte de línguas, processos aos quais o termo mudança não se aplica em linguística.

O uso da palavra “evolução” – termo emprestado da Ecologia pela Ecolinguística – ao invés de “mudança” – termo usado tradicionalmente pela Linguística – justifica-se pelo fato de que as línguas, comparadas às espécies biológicas, estejam sujeitas à evolução e, conseqüentemente, à morte. Assim, a abordagem ecológica das línguas permite descrever, analisar e compreender a evolução da diversidade linguística.

Como o contato de línguas está no cerne da evolução linguística, seus resultados são propícios ao surgimento de línguas, por um lado, glotofágicos e, por outro lado, levando à sua extinção. Desses resultados, vale atentar-se para o impacto que seu estudo teve e tem no desenvolvimento da pesquisa em Linguística: a criação de novas línguas (pidgins e crioulos).

2.3. O crioulo afro-português de Casamança, Senegal

A expansão colonial europeia durante os séculos XV a XIX, levou ao contato das línguas dos colonizadores com as línguas dos colonizados, acarretando o surgimento de línguas crioulas – assim chamadas porque eram usadas pelo “crioulos”, os escravos e europeus nascidos nas colônias (BICKERTON, 2016).

ECO-REBEL

De acordo com Couto (1996), essas línguas crioulas são uma mistura de vocabulário predominantemente europeu com uma gramática que representa um compromisso entre as do substrato da África Ocidental e a do superstrato europeu.

Como todo crioulo resulta de um contato de povos com suas respectivas línguas, o crioulo afro-português de Casamança, Senegal, resultou do contato do português seiscentista com as línguas étnicas da costa ocidental africana durante o processo de escravatura e os primeiros séculos de colonização da região (KIHM, 1980).

O impacto dos pidgins e crioulos na ecologia das línguas “[...] pode ser tanto um fator estabilizador para a diversidade linguística existente quanto um fator destrutivo” (MÜHLHÄUSLER, 2018, p. 143). Assim, diante das novas realidades dos ecossistemas das línguas crioulas devido ao contato dessas línguas com seus substratos, além dos contatos com línguas hiper- e supercentrais, os crioulos passam por um processo de adaptação como, por exemplo, a relexificação.

O processo natural de formação dos crioulos consiste na junção de um léxico da língua dominadora, denominada superstrato, com a gramática e a fonologia das línguas de povos dominados ou substratos. Em outras palavras, os crioulos, em seus estágios formativos, apresentam um *input* lexical, principalmente europeu (superstrato), e um molde estrutural (fonologia, morfologia, sintaxe) com base nas línguas de substrato.

No caso em tela, o crioulo afro-português da Casamança é de base lexical portuguesa, isto é, composto pelo léxico da língua do dominador (português), ao passo que a gramática advém das línguas de substrato pertencentes aos grupos oeste-atlânticos e bak. Em outras palavras, o português é essencialmente a língua lexificadora, ao passo que os substratos gramaticalizadores contribuem com a fonologia, a morfologia, a sintaxe e a semântica concernentes.

Tal situação se inverte quando a língua crioula muda parcial ou totalmente seu *input* lexical, sem alterar drasticamente a gramática. Segundo Lefebvre (1997, p. 182) a relexificação

[...] é um processo que constrói uma nova entrada lexical copiando a entrada lexical de um léxico que já está estabelecido (um léxico de substrato) e substituindo ou rotulando de novo as representações fonológicas nesta entrada lexical copiada com a representação tomada da cadeia fonética de uma língua diferente (a língua de superstrato).

Por serem formados por um processo de contato diacrônico, alguns crioulos ainda convivem (sincronia) com as línguas de substrato (os crioulos da Guiné-Bissau e de Casamança) – o que faz com que, nas interações do dia a dia, os falantes recorram às línguas em questão fazendo uso de seu léxico: relexificação. Esses dois tipos de *input* – lexificador e gramaticalizador –, de certo modo, fazem parte da endoecologia da língua, que trata da interação das regras gramaticais das línguas, isto é, dos componentes gramaticais focalizando as regras fonético-fonológicas, morfológicas, sintáticas, semânticas e lexicais (COUTO, 2007).

3. O ecossistema linguístico em Casamança, Senegal

Definido como um conjunto formado por uma população (P) de organismos vivendo e convivendo em um determinado lugar, que é seu habitat, o ecossistema é a unidade fundamental da organização ecológica (COUTO, 2013). Aplicado à Ecolinguística, entende-se por ecossistema linguístico uma comunidade (um universo) formada(o) por diferentes línguas, interagindo de forma sustentável umas com as outras, no intuito de permitir o equilíbrio do ecossistema. Segundo Couto *et al.* (2016), esse ecossistema linguístico é formado por uma população (P), vivendo em um determinado território (T) e interagindo por meio de uma língua (L).

Abordar o ecossistema linguístico de Casamança, Senegal, isto é, um ecossistema linguístico regional (Casamança), significa abordá-lo a partir de um ecossistema linguístico nacional (Senegal), mais abrangente. O ecossistema linguístico da localidade em questão permite compreender a dinâmica das línguas nessa região sul do Senegal.

Senegal, assim como grande parte dos demais países africanos, é caracterizado por uma grande diversidade cultural, resultado da presença de vários grupos étnicos em seu solo. A cada grupo étnico corresponde uma língua – o que caracteriza o multilinguismo do país. Todas as línguas têm diferentes *status*, que vai de língua oficial (no caso, o francês) às línguas nacionais (wolof, diola, mandinga, serer e fula). Dessas línguas nacionais, o wolof constitui a língua franca do país, falada em quase todo o território nacional. Além destas, vale ressaltar a importante presença do árabe – língua da religião islâmica, com quase 95% de adeptos.

Fazendo uso do modelo gravitacional de Calvet (1999), as línguas supramencionadas podem ser classificadas em supercentrais (francês e árabe), centrais (diola, fula, mandinga, wolof e serer) e periféricas (as demais línguas consideradas minoritárias, tais como balanta, manjaca, mancanha e crioulo afro-português de Casamança).

ECO-REBEL

Historicamente, a região de Casamança era domínio de Portugal, fazendo parte da Guiné Portuguesa (atual Guiné-Bissau). A invasão francesa nessa região começou com o estabelecimento de feitorias francesas em Ziguinchor, culminando no Tratado Franco-Português, de 12 de maio de 1886, quando Ziguinchor foi cedida à França. Com esse tratado, o crioulo casamancês foi separado do crioulo da Guiné-Bissau (ex-Guiné Portuguesa).

Do ponto de vista linguístico, a Casamança se caracteriza por um mosaico linguístico. Suas principais línguas são mandinga, diola, balanta, bainuc, manjaco, mancanha e pepel, também presentes na Guiné-Bissau por razões históricas e fronteiriças, tendo em vista que essa região era parte da Guiné-Bissau.

Casamança e Guiné-Bissau constituem um conjunto linguístico e étnico que foi dividido pelos “acazos” da política colonial, quando em 1886 a Casamança, antes Portuguesa, foi anexada ao Senegal. Mas, aqui como em outros lugares na África, o mapa nunca foi sinônimo de delimitação territorial. Em nenhum momento, mesmo durante a guerra de independência da Guiné-Bissau, a fronteira foi totalmente fechada, refugiados continuavam a passar no Senegal e suprimentos a transitar para os maquis “clandestinamente”, claro (KIHM, 1980, p. 369).

As línguas faladas em Casamança pertencem à família Níger-Congo, que é composta principalmente pelas línguas bak (diola (joola, gusilay, karon, kuwaataay, bayotte), manjaaku (manjaku, pepel, mancanha), balanta e bainuque) e mandé, que compreende as línguas mandinga, soninke e/ou sarakole e malinke. Grande parte dessas línguas contribui na formação do crioulo afro-português de Casamança.

No tocante ao ecossistema linguístico, Couto (2015, p. 56) afirma que é composto principalmente por três elementos, quais sejam:

1) ecossistema natural da língua, 2) ecossistema mental da língua e 3) ecossistema social da língua. Os três convergem ou se fundem no 4) ecossistema integral da língua. Em cada um deles a língua deve ser relacionada ao respectivo meio ambiente, no caso, o 1') meio ambiente natural, 2') mental e 3') social da língua.

O Ecossistema Natural da Língua (ENL) é composto por um povo (P), morando em um espaço geográfico ou território (T) e compartilhando uma mesma língua como meio de comunicação (COUTO, 2015). Para ilustrar o ENL, vale tomar o exemplo do crioulo casamancês. Também chamado *kriol* ou *lingu kriston* (língua cristã), o crioulo casamancês é a língua (L), falada

ECO-REBEL

na Casamança, região sul do Senegal, seu território (T), é membro da família crioula de base lexical portuguesa da África Ocidental, que inclui, principalmente, o cabo-verdiano e o guineense, com os quais mantêm um alto grau de inteligibilidade mútua (BIAGUI, 2012). Este crioulo é chamado *lingu kriston* pelo fato de a maioria dos crioulófonos de Casamança ser de religião católica.

Quanto ao ecossistema mental da língua (EML), Couto (2015, p. 58-59) afirma: “O meio ambiente mental da língua é constituído de P₂ mais T₂, pois é aí que se dão as interações mentais da aquisição, do armazenamento e do processamento da língua”. No caso do crioulo casamancês, resultado do do contato entre a língua portuguesa e as línguas de Casamança, é possível afirmar que se trata de uma língua (L) falada em um território (T) por um povo (P), que, não necessariamente a tem como língua materna, isto é, sem grupo étnico definido, uma vez que, nessa região, cada etnia tem a sua própria língua.

É importante ressaltar que, atualmente, com o declínio demográfico os bainunques, esse povo se identificam mais como crioulo, em detrimento de sua própria língua, diante da pressão do mandinga e do diola. Assim, para manter o crioulo casamancês vivo, os bainunques o ensinam aos filhos em casa. Em algumas comunidades onde a língua é falada (em Niaguis e Sindone, por exemplo), ela ainda é transmitida para crianças e até mesmo adquirida por recém-chegados (BIAGUI, 2012).

Já o ecossistema social da língua (ESL) contém o meio ambiente social da língua, sendo o conjunto formado por T₃ mais P₃ – membros de uma população organizados socialmente (COUTO, 2015). Considerando o mesmo exemplo, mesmo sendo bairros ou cidades diferentes, os falantes do crioulo casamancês pertencem ao mesmo T da Casamança. Sobre a questão, Biagui (2012) mostra que, em Ziguinchor, o casamancês é falado nos bairros de Boudody, Cobitaine, Escale, Goumel, Boucotte-Nord, Santhiaba, entre outros. Já nas cidades próximas a Ziguinchor, ele é falado, por exemplo, em Ziguinchor capital, Sindone, Niaguis, Fanda, Adéane, Kougoundou, Brin e Tobor.

Por ser falado no grande centro urbano de Ziguinchor e em cidades próximas, os falantes do crioulo casamancês, segundo Biagui (2012), pertencem a vários grupos étnicos de Casamança, especialmente, Bainunques, mas também Manjacas e Mancanhas, geralmente de religião católica, que ainda fazem uso do crioulo casamancês como língua franca entre os cristãos (daí o termo “língua cristã” (*lingu kriston*)). É importante ressaltar que devido ao processo da colonização da região, muitas famílias desses grupos étnicos ainda mantêm contato, favorecendo, assim, o uso

constante dos crioulos casamancês e guineense, uma vez que são muito próximos. Aquele autor ainda estima o número de creolófonos de Casamança em pouco mais de 20.000 falantes.

4. A metodologia adotada

O presente trabalho faz parte do paradigma qualitativo que, segundo Creswell (2010, p. 26), “[...] é um meio para explorar e para entender o significado que os indivíduos ou os grupos atribuem a um problema social ou humano” – paradigma utilizado em pesquisas exploratórias, cujo objetivo é “[...] desenvolver ideias com vista em fornecer hipóteses em condições de serem testadas em estudos posteriores” (GIL, 2002, p. 152). Gil (2002) mostra que essas pesquisas tendem a ser mais flexíveis em seu planejamento, pois pretendem observar e compreender os mais variados aspectos relativos ao fenômeno estudado pelo pesquisador.

Por se concentrar na revisão de documentos, a presente pesquisa seguiu os preceitos do estudo exploratório, por meio de uma pesquisa bibliográfica que, de acordo com Gil (2002, p. 529), “[...] é elaborada com base em material já publicado. Tradicionalmente, esta modalidade de pesquisa inclui material impresso, como livros, revistas, jornais, teses, dissertações e anais de eventos científicos”.

De fato, a finalidade da pesquisa bibliográfica consiste em colocar o pesquisador em contato com o que já se produziu e se registrou a respeito do tema de pesquisa. Tal procedimento se enquadra no presente estudo, pois foram utilizados livros físicos (ROUGÉ, 2004) e tese de doutorado acessada via *internet* (NUNEZ, 2015). Rougé (2004), por exemplo, é um trabalho sobre a origem das palavras dos crioulos portugueses na África. Esse autor chegou à conclusão de que essas palavras são de origem portuguesas, por ser o português a língua lexificadora, ou de origem africanas, por constituir as línguas de substrato. Por sua vez, Nunez (2015) pesquisou a presença do léxico de línguas senegalesas no crioulo casamancês, em especial, o wolof e o francês.

A coleta de dados teve por base a leitura exploratória de todo o material selecionado (leitura rápida, que objetiva verificar se as obras consultadas são de interesse para o trabalho), isto é, a influência lexical das línguas senegalesas no crioulo casamancês; a leitura seletiva (leitura mais aprofundada das partes que realmente interessam); registro das informações extraídas das fontes em instrumento específico (autores, ano, método, resultados e conclusões).

Quanto ao método de análise de dados, fez-se uso da Análise de Dados Textuais (ADT) que, segundo Fallery & Rodhain (2007, p. 1), “[...] reúne métodos que visam descobrir as

ECO-REBEL

informações “essenciais” contidas em um texto”. Aqueles mesmos autores distinguem quatro abordagens principais para uma análise dos dados textuais, quais sejam: 1) Lexical (Lexicometria³); 2) Linguística; 3) Cognitiva; 4) Temática.

Por se tratar de análise do léxico de línguas senegalesas no crioulo casamancês, acredita-se que a primeira abordagem tem mais a ver com a presente pesquisa. Nesse viés, a importância do léxico é assim ressaltada por Couto (2007, p. 188): “[é] o componente da língua que mais diretamente tem a ver com o meio ambiente de que ela faz parte”.

Assim, recorrer ao léxico das línguas senegalesas é uma forma de estabelecer a comunicação entre os falantes de línguas diferentes, tendo o crioulo casamancês como língua veicular. Para melhor entender a relexificação no crioulo casamancês, acredita-se que uma análise lexical pode ser complementada por uma análise semântica, que consiste em determinar os conceitos aos quais as palavras exploradas se referem.

Fazendo uso da ADT, o presente estudo analisou 60 palavras de origem de línguas senegalesas, tiradas de Nunez (2015) e Rougé (2004), buscando evidenciar a frequência de ocorrência de palavras ou intensidade lexical de origem senegalesa, no intuito de averiguar qual das línguas mais contribui no processo de relexificação do crioulo casamancês (LABBÉ; LABBÉ, 2013), conforme evidenciado na Tabela 1, a seguir.

Tabela 1 – Frequência de ocorrência.

DADOS ANALISADOS					60
Línguas	Balanta	Francês	Mandinga	Manjaca	Wolof
Frequência nº	10	4	28	3	19
Frequência %	10	6,66	46,66	5	31,66

Fonte: Adaptado de Labbé e Labbé (2013).

³ É a aliança das ciências da Linguagem, Estatística e Ciência da Computação. Permite processar vastos conjuntos de textos (*corpus*), estabelecer seu vocabulário e classificar os termos de acordo com sua frequência, sua distribuição e suas categorias gramaticais (LABBÉ; LABBÉ, 2013).

5. A relexificação: uma influência substratista no crioulo de Casamança, Senegal

A ADT visa reduzir um texto a ser analisado de todo o vocabulário utilizado pelos atores. Além disso, consiste em calcular a frequência de ocorrência de palavras ou intensidade lexical de origem senegalesa nos estudos daqueles autores, no intuito de averiguar qual das línguas mais contribui com o crioulo casamancês. Por se tratar de um artigo científico, fez-se uso de uma amostra de 17 palavras, conforme se segue.

No crioulo casamancês tem-se o uso frequente da partícula “*ba*”, desempenhando o papel da preposição “em”. Tal partícula se dá antes de nomes próprios, com valor coletivo. Sobre a questão, Rougé (2004, p. 292) assevera: “Em todas as línguas oeste-atlânticas, ‘*ba-*’ é muitas vezes o prefixo de classe plural ou coletivo para os seres humanos”. Por exemplo, em *N bay kaw dia ba Djon* (Fui à casa dos João), entende-se a casa de João e familiares. Mais especificamente, acredita-se que esse prefixo foi emprestado da língua balanta, onde “*ba*” significa “eles”, apresentando “*ban*” (“nós”) como variação.

Como forma alternativa para caracterizar o uso singular, os falantes do crioulo casamancês recorrem à palavra “*gan*”, que significa “o lugar de”, “em casa de”. Aqui, Rougé (2004, p. 311) observa que da palavra “*gan*” se formam muitos topônimos, como, por exemplo, em *gan Mamadu* (na casa de Mamadu). Acredita-se que essa palavra veio emprestada do wolof, onde “*gan*” significa “hóspede”.

De origem mandinga, “*Banbu*” (“carregar”, “colocar nas costas”) é uma palavra que simboliza a cultura africana. O costume de a mãe africana colocar o bebê nas costas é um tipo de contato que consiste em o bebê ir interagindo com a mãe por meio do calor humano. *Banbu* derivou de *banbaran* ~ *banburan*, que é o pano usado para segurar a criança nas costas. Por exemplo: *Bu bu banbu fidju ku ratadju di banburan, si pé ta lontilonti; si bu fala bu na kuri, banburan ta sapa, fidju ta kay; ma kin ki tene si banburan nobu, si i bambu si fidju, nin ki kuri k’el, i ka ta sapa, si fidju ka ta kai* (Quando você leva seu filho nas costas com um pano portador de bebê, seus pés balançam; quando correr, o pano rasga e seu filho cai; mas aquele que tem um novo portador de bebê, quando carrega seu filho, mesmo quando corre, o portador de bebê não quebra, a criança não cai). Tem-se ainda a expressão “*torkya banbaran* ~ *torkya banburan*” (“trocar de pano”), significando “[...] ter um filho do sexo diferente do anterior” (ROUGÉ, 2004, p. 294).

ECO-REBEL

Do balanta “*blufu*” (“jovens”, “faixa etária”), “*blufu*”, no crioulo de Casamança, significa pessoa não circuncisa. Na África, um homem não circuncidado não é um deles. Tal realidade reflete a importância da circuncisão, que tem função socializadora para os africanos. O homem não é considerado como tal se não passar pelo rito da circuncisão. A circuncisão é chamada pelos cirurgiões de postectomia, realizada por razões médicas específicas. Ela tem um interesse em termos de higiene. O procedimento cirúrgico corresponde anatomicamente à remoção do prepúcio: a parte da bainha do pênis que cobre o pênis em repouso.

Tradicionalmente, a circuncisão é uma operação cirúrgica que consiste em cortar parte do pênis por motivos religiosos, higiênicos ou culturais. Nesse período, todos aqueles que se submeterem à referida cirurgia passam de 30 a 45 dias longe de suas casas, isolados no mato, recebendo uma educação para a vida do “homem”. Na cultura balanta, bem como em toda a África, ser ou não ser tratado de *blufu* é uma afronta para a pessoa e para a família. Ali se tem uma cultura que acredita que para ser macho, o homem precisa ser circunciso. Pelo fato da idade máxima para ser circunciso ser de 12 anos, em geral, *blufu* significa moleque, para xingar alguém.

A palavra “*Djagatu*” (jiló), no crioulo casamancês, parece ser de uso comum nas línguas oeste-atlânticas, com algumas modificações morfológicas. Por exemplo: *Ken ki kere djagatu debe osa fidida* (Quem gosta de jiló não deve temer o amargo). Assim, ela é encontrada nas formas *jakato* em mandinga, *vtchakté* em balanta, *be-jakata* em manjaku e *jaxato* em wolof. Mas, sua provável origem parece ser o mandinga, por ser a língua mais falada na região e a que mais contribui no processo de relexificação do crioulo casamancês. Nesse caso, houve uma adaptação fonológica de *jakato* do mandinga, onde a consoante oclusiva velar surda /k/ se realiza como oclusiva velar sonora e, por ser uma língua de acento fixo na última sílaba (oxítone), a vogal /o/ de *jakato* se realiza /u/ no crioulo afro-português de casamança, seguindo a norma do português de elevação da vogal média /o/ em posição átona final como posterior /u/.

Emprestada do árabe “*Al-Imaam*”, “*Almamy*” significa “imã” no crioulo de Casamança. Tal palavra é encontrada nas formas *Almaame* em fula, *Elimaan* em wolof, *Almaam* em balanta e *Aalmaamo* em mandinga, com o sentido literal de “aquele que fica na frente, dirigente, líder”. Nas mesquitas, significa a pessoa que dirige a reza. Para os xiitas, é o sucessor de Maomé, o guia espiritual da comunidade. No Senegal, muitas pessoas são chamadas de *Almamy* ou *Elimane* em homenagem a uma pessoa que desempenha o papel de *Al’Imaam*.

ECO-REBEL

Formada pelos radicais mandingas “*fen*” (coisa) e “*koto*” (velho), a palavra “*fenkoto*” significa literalmente “coisa velha”. No crioulo de Casamança, “*fenkoto*” ~ “*fengato*” ~ “*fingatu*” tem o significado de “assombração em forma de anão” e, por extensão, “anão”. A tradição africana acredita que os mortos voltam em forma de assombração para atormentar a vida dos moradores das comunidades.

O pronome indefinido que expressa a totalidade das coisas e seres, “*fep*”, no crioulo casamancês, significa “todo”, “inteiro”, “completamente”, “até o fim”, como, por exemplo: *I kume byanda fep* (Ele comeu todo o arroz); *Padja kema fep!* (A grama queimou por inteiro). *Fep* tem diferentes realizações em wolof e mandinga. Em wolof, ele se apresenta na forma “-*épp*”, similar à consoante inicial do classificador. Por exemplo: *Fasi wepp* (Todos os cavalos); *Fep fo deme* (Em qualquer lugar que for); *Nhom nhepp* (Todos eles). De fato, *fep*, em wolof, tem seu uso para lugares. Já em mandinga, ele é encontrado na forma “*few*” – advérbio ideofônico associado com verbos como “*lón*” (conhecer), “*kanu*” (amar) na forma negativa, que significa “nada”, bem como associado ao verbo “*ban*” (terminar), traduz-se por (completamente) (ROUGÉ, 2004).

Do francês *en pagaille*, a palavra “*ampakai*”, no crioulo casamancês, é uma aglutinação da preposição “*en*” (em) mais o substantivo “*pagaille*” (bagunça, desordem, muito). É uma locução que expressa a quantidade ou intensidade. Por exemplo: *No bibi serbeja ampakai!* (Bebemos muita cerveja!). No crioulo de Casamança, tal expressão desempenha o papel de advérbio de intensidade, com sentido de muito. Tem-se aí um processo fonológico de ensurdecimento, que consiste na consoante velar oclusiva sonora /g/ em “*en pagaille*” se realizar como /k/ no crioulo casamancês “*ampakai*”.

Além de “*ampakai*”, os falantes do crioulo casamancês recorrem também a “*kun*” – partícula intensificadora, que desempenha papel de advérbio de intensidade, como, por exemplo: *intxi kun* (estar muito cheio, encher completamente). É uma palavra de origem manjaku, onde “*cum*” significa “estar cheio”, ao passo que mancanha “*ku*” tem o sentido de “carregar” (ROUGÉ, 2004).

No crioulo casamancês, “*kinding kodong*” significa “sozinho”, “único”, “estar sozinho”, “ser único”, “apenas”, como, por exemplo: *I ami N'kindin, fidju di Lope ku Konosaba* (E eu sou o único filho de Lope e Konosaba). Em “*kindin kodon*”, “*kondon*” pode ser utilizado sozinho com o mesmo significado. A expressão parece ter se originado na língua mandinga, a partir das palavras

ECO-REBEL

“*kili*” (um) e “*doro*” – partícula posposta no sentido restritivo (apenas) com algumas adaptações fonológicas. Assim, em mandinga, “*kili doro*” significa “apenas um” (ROUGÉ, 2004).

“*Kindin kodon*”, “*dingi*” ~ “*djingi*” ~ “*dengi*”, no crioulo de Casamança, significa “estar sozinho”, como, por exemplo: *Kabu dingi!* (Não fique sozinho!); *I ten gora un kasa ku dingi* (Então há uma casa isolada). Advérbio restritivo com sentido de “apenas”, “só”, a palavra “*dingi*” tem origem provável no balanta “*ding*” (“estar sozinho”, “viver sozinho”) ou no wolof “*dong*” (“apenas”, “estar sozinho”).

Do wolof “*kot*” (“agarrar”, “pegar”, “colar”, “grudar”), “*koti*”, no crioulo de Casamança, tem o mesmo significado (agarrar, pendurar(-se), envolver(-se)), como, por exemplo: *Kabelu Koti na pé di mangu* (O cabelo ficou preso no pé de manga). Por meio do processo de reduplicação, forma-se, a partir de “*koti*”, o verbo “*koti-koti*” (“se agarrar”, “se levar”, “andar com dificuldade”) e o substantivo “*koti-koti*” (“uma praga”, “um chato”).

Semanticamente próxima a “*koti-koti*”, “*lonki-lonki*” ~ “*lonti-lonti*”, no crioulo de Casamança, significa “pendurar”, “suspender”, “balancear”. Por exemplo: *Bu banbu bu fidju ku ratadju di banburan, si pe ta lonti-lonti* (Quando você coloca o seu filho nas costas com um pano portador de bebê, seus pés balanceiam). É uma palavra emprestada do wolof “*lonk*” (“pendurar”, “suspender”).

A reduplicação da palavra mandinga “*ñi*” (“dente”), “*Ñiñi*”, significa, no crioulo de Casamança, “sorriso”. Segundo Rougé (2004), no crioulo de Casamança, o substantivo “*dinti*” (dente) tem, muitas vezes, por metonímia, o significado de “sorriso”, como, por exemplo, no seguinte provérbio: *Dinti ka tene sangi* (Os dentes não têm sangue), mas que poderia significar “o sorriso não é obrigatório”. Assim, no crioulo de Casamança, coexistem as duas formas – “*Ñiñi*”, do mandinga, e “*dinti*”, do português.

Muito comum nas línguas africanas, a reduplicação é um processo morfológico que consiste em repetir parte ou toda uma palavra com muitos valores, tal como o cumulativo. Ela indica naturalmente um processo que se repete ou uma ação contínua, como, por exemplo, “*nini*”, em que dá para perceber que a pessoa continua sorrindo, ou seja, a continuidade da ação.

“*Woi*”, segundo Rougé (2004), significa “mostrar as nádegas para alguém em um sinal de desprezo”. É uma postura muito frequente quando os mais velhos querem amaldiçoar os mais novos. Tal palavra é encontrada nas formas “*uñi*” ~ “*oñi*”, com o significado de “abaixar-se”, “curvar-se”, como, por exemplo: *Si bu oñi, i ta diskunfia kuma pedra ku bu ua kodje pa yel* (Se

você se abaixar, ele vai entender que você está pegando uma pedra para ele). Esta é uma característica de cachorro, que sempre desconfia de uma pessoa que se abaixa, achando que esta vai pegar uma pedra para jogar nele. Tal situação também se aplica a uma pessoa medrosa. É uma palavra emprestada do wolof “*wone*”, que significa “mostrar algo a alguém”.

Em *E ta sina-ntá lang-us ciw* (Eles estudam muitas línguas), “*lang-us*” (NUNEZ, 2015) significa “língua”. Tem-se aqui uma aglutinação da palavra “*lang*” do francês *langue* (língua), com “*us*” do português “os” – artigo definido masculino plural. Nesse caso, ele é usado para marcar o plural de “línguas”. Como se sabe, a flexão de número é quase inexistente nos crioulos. Essa tentativa de marcar o plural não pode ser uma influência do francês, uma vez que, na oralidade, essa língua não marca a flexão de número. Acredita-se, assim, que o falante do crioulo afro-português de Casamança, nesse caso, recorre ao português, onde é ou deve ser bem marcada.

No mesmo exemplo, tem-se a presença da palavra “*ciw*” – um determinante de origem wolof, que expressa a quantidade. Literalmente, a palavra significa “famoso” e, neste caso, ela é utilizada para mostrar o número de línguas.

6. Considerações finais

Diante do exposto, foi possível perceber os contatos que ocorreram em Casamança, resultando, principalmente, no processo de relexificação no crioulo afro-português da região, isto é, na incorporação de itens lexicais das línguas locais. Assim, é importante salientar que o crioulo daquela localidade possui vários elementos não portugueses próprios, devido ao contato prolongado com as línguas faladas em Casamança (adstratas), principalmente, bainounck, balanta, mandinga, manjaca, mancanha e diola, caracterizando o processo de relexificação.

O nicho ecolinguístico de Casamança é um exemplo claro nesse contexto de relexificação, devido não somente ao contato sincrônico interno, mas também ao contato externo (com pessoas provenientes da Guiné Bissau). O diola (uma das línguas mais faladas no sul do Senegal), por exemplo, tem pouca influência no crioulo casamancês. Já o wolof e o mandinga representam a principal entrada lexical sincrônica, ao passo que o francês foi responsável por uma entrada lexical mais recente. Influências diacrônicas sobre o léxico crioulo, embora variadas, têm sido o mandinga e o balanta.

Diante dessas situações de ameaça ao crioulo afro-português pelas línguas locais, até o francês, a língua oficial do Senegal, a solução é tentar preservá-la, como ressalta Hagège (2000, p.

12): “Defender nossas línguas e sua diversidade, especialmente contra a dominação de uma, é mais do que defender nossas culturas. É defender a nossa vida”.

Apesar de estar em declínio devido ao wolof, ao mandinka e ao francês, o crioulo de Casamança continua a ser a língua materna de várias crianças. Como forma de defendê-lo, ele é utilizado na educação religiosa católica (o catecismo é parcialmente feito em crioulo em grande parte das igrejas em Ziguinchor e nas aldeias de língua crioula – daí a produção de alguns manuais de catequese em crioulo) (NUNES, 2015).

Referências

- BIAGUI, Noel Bernard. *Description générale du créole afro-portugais parlé à Ziguinchor (Sénégal)*. Dakar/Paris: Université Cheikh Anta Diop/Institut National des Langues et Civilisations Orientales, 2012.
- BICKERTON, Derek. *Roots of language*. Berlim: Language Science Press, 2016. (Classics in Linguistics 3).
- CALVET, Louis-Jean. *Pour une écologie des langues du monde*. Paris: Plon, 1999.
- COUTO, Elza Kioko Nakayama Nenoki do. *Ecolinguística: um diálogo com Hildo Honório do Couto*. Campinas: Pontes Editores, 2013.
- COUTO, Hildo Honório do. *Contato interlinguístico: da interação à gramática*. 2. ed. Brasília: Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade de Brasília, 2017.
<http://www.ecoling.unb.br/images/e-book-Forma.pdf>
- COUTO, Hildo Honório do. *Ecolinguística: estudo das relações entre língua e meio ambiente*. Brasília: Thesaurus, 2007.
- COUTO, Hildo Honório do. *Introdução ao estudo das línguas crioulas e pidgins*. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 1996.
- COUTO, Hildo Honório do. Linguística ecossistêmica. *Ecolinguística: Revista Brasileira de Ecologia e Linguagem (ECO-REBEL)*, v. 1, n. 1, p. 47-81, 2015.
<https://periodicos.unb.br/index.php/erbel/article/view/9967/8800>
- COUTO, Hildo Honório do; COUTO, Elza Kioko Nakayama Nonoki do; ARAÚJO, Gilberto Paulino de; ALBUQUERQUE, Davi Borges de (orgs). *O paradigma ecológico para as Ciências da Linguagem: ensaios ecolinguísticos clássicos e contemporâneos*. Goiânia: Ed. UFG, 2016.

ECO-REBEL

- CRESWELL, John W. *Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto*. Porto Alegre: Artmed, 2010.
- FALLERY, Bernard; RODHAIN, Florence. Quatre approches pour l'analyse de données textuelles: lexicale, linguistique, cognitive, thématique. In: XVIème Conférence de l'Association Internationale de Management Stratégique AIMS, Montreal, 2007. **Anais...** Montreal, p. 1-16, 2007. <https://hal.archives-ouvertes.fr/hal-00821448/document>
- GIL, Antônio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. São Paulo: Atlas, 2002.
- HAGÈGE, Claude. *Halte à la mort des langues*. Paris: Odile Jacob, 2000.
- HAUGEN, Einar. *The ecology of language*. Stanford: Stanford University Press, 1972.
- KIHM, Alain. La situation linguistique en Casamance et Guinée-Bissau. *Cahiers D'Études Africaines*, v. XX, n. 79, p. 369-386, 1980.
https://www.persee.fr/doc/cea_0008-0055_1980_num_20_79_2342
- LABBÉ, Cyril; LABBÉ, Dominique. Lexicométrie: quels outils pour les sciences humaines et sociales? *Usages de la Lexicométrie en Sociologie*. Guyancourt, p. 1-24, jun. 2013.
<https://hal.science/hal-00834039>
- LEFEBVRE, Claire. Relexification in creole genesis: the case of demonstrative terms in haitian creole. *Journal of Pidgin and Creole Languages* n. 12, p. 181-202, 1997.
- MUFWENE, Salikoko S. *Language evolution: contact, competition and change*. Londres: Continuum, 2008.
- MÜHLHÄUSLER, Peter. What Creolistics Can Learn From Ecolinguistics. In: *The Routledge Handbook of Ecolinguistics*. FILL, Alwin; PENZ, Hermine. Nova York: Routledge, 2018.
- NUNEZ, Joseph Jean François. *L'alternance entre créole afro-portugais de Casamance, français et wolof au Sénégal: une contribution trilingue à l'étude du contact de langues*. Tese de Doutorado, Université Cheikh Anta Diop, de Dakar, 2015. <https://theses.hal.science/tel-01368961/document>
- ROUGÉ, Jean-Louis. *Dictionnaire étymologique des créoles portugais d'Afrique*. Paris: Karthala, 2004.
- SAUSSURE, Ferdinand de. *Escritos de Linguística Geral*. Organização e edição: Simon Bouquet e Rudolf Engler, Antoinette Weil. São Paulo: Cultrix, 2002.
- THOMASON, Sarah G. *Language contact: an introduction*. Washington: Georgetown University Press, 2001.

ECO-REBEL

THOMASON, Sarah Grey; KAUFMAN, Terrence. *Language contact, creolization, and genetic linguistics*. Berkeley: University of California Press, 1992.

WEINREICH, Uriel. *Languages in contact: findings and problems*. New York: Linguistic Circle of New York, 1953.

XIAMEN, Yina Wu. *Ecological Discourse Analysis*. University Tan Kah Kee College Zhangzhou, Fujian, China. Advances in Social Science, Education and Humanities Research (ASSEHR), volume 181. 4th International Conference on Social Science and Higher Education (ICSSHE 2018). Copyright © 2018, the Authors. Published by Atlantis Press.

<http://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/>

Aceito em 04 de maio de 2023.

ECOLINGUÍSTICA: REVISTA BRASILEIRA DE
ECOLOGIA E LINGUAGEM (ECO-REBEL), V. 9, N. 2, 2023.